

trazidas pelos seus leitos antigos à grande depressão do Macaricari, dando alteração sensível ao clima do país.

Segundo êle o débito disponível anualmente do Cubango, Cuando e Cunene, não chegaria a cobrir mais de 5 pés na altura da Etocha, e no Macaricari, e como a evaporação ali é de 8 pés anuais, seria impossível criar novos lagos nessas duas depressões, mas com o novo desvio das águas dêsses rios, ficaria no país, o produto dessa evaporação, e aumentariam as precipitações de chuva de tal modo, que, no ano seguinte, duas unidades da nova água seriam recolhidas pela Etocha, e Macaricari. A planície dêstes dois lagos é rodeada de alturas por todos os lados. As chuvas das regiões vizinhas provêm da evaporação dêstes lagos e, se as evaporações podem ser aumentadas por desvios dêstes rios, é provável que um sistema circulatório se estabeleça, graças ao qual a humidade será conservada, e mesmo aumentada de ano a ano, pelas vindas da humidade exterior. Uma vez as condições estáveis estabelecidas, o excedente seguiria para lá do Calaári, produzindo precipitações abundantes de chuva na A'frica do Sul, o que na sua opinião é muito necessário, pois a situação actual é de 90 polegadas de evaporação e 30 de chuvas, por ano, para 1.000.000 de milhas quadradas. Eis sem as tabelas que êle apresentou, o resumo da conferência do Dr. Schwarz.

O meteorologista Mr. Stewart responde-lhe, sendo favorável.

O Coronel Gold tem dúvidas sôbre a acção benéfica de um grande lago nessa região. Considera o período das observações meteorológicas feitas, muito curto, para se tirar qualquer conclusão.

Mr. Kanthack, que foi um dos chefes da Missão Luso-africander, que em 1920 esteve connosco no Roacaná, não concorda com o professor Schwarz. Diz que a alta região de Angola não produz a água necessária para o que o professor Schwarz deseja. Diz que êste atribui demasiada acção à erosão das correntes, e que a causa principal da secura é o solo de areia e tufa, muito permeável, e só a 17 pés se encontrar uma camada impermeável. Abaixo dêle continua a ser de areia e tufo muito permeável, e que todo o chão de Owampo é um leito de morte pela secura.

Diz que a principal causa de cada ano ir menos água do Cunene para a Etocha é o depósito nas ochanas da margem esquerda, de nateiro e areia carriadas, ser cada vez mais alto. Descreve os rápidos e a única catarata do rio Cunene, e, finalmente, diz que a idéa do professor Schwarz, é de impossível execução, debaixo do ponto de vista prático, e apenas aceitável no ponto de vista meteorológico. Cita os meus dados sôbre a vazão mínima do Cunene em estiagens normais, e achou êle próprio a descarga de 100 pés cúbicos, por segundo, devendo ser de 1.000.000 idem nas cheias. Diz que a represa é impossível ser feita no ponto indicado, e indica o único ponto em que ela é viável, (coincide com o ponto por mim escolhido). Diz mesmo que, se tôda a água do Cunene se pudesse desviar, (há a atender a água de metade do caudal que é português e de que precisamos) esta apenas elevaria a Lagôa Etocha de 2 pés no máximo. Finalmente diz que a única coisa a fazer não é criar uma grande região inundada, mas unicamente desviar a água em canais para a irrigação, por algumas ochanas. No *Geographical Journal*

de Maio do mesmo ano, Mr. Kanthack faz uma detalhada descrição do rio Cunene, com fotografuras, e chega, com números vários e tabelas, às mesmas conclusões.

Conhecedores do local, achamos o estudo do Mr. Kanthack muito consciencioso. Numa dessas sessões Mr. Evans diz que o assunto do professor Schwarz está em ligação com a idéa de que a Terra está cada vez mais sêca, e que uma grande autoridade considera impossível a inundação, por causa da geral estrutura da regio.

O professor Schwarz refuta alguns argumentos, e diz que o que pretende é tornar húmido o ar sêco, que, na opinião de Gold, passa através desta região, e espera que a-pesar-de Mr. Kanthack dizer muito pequena a corrente do Cunene, ela, desviada, dará o efeito que se pretende em 20 anos, no máximo.

No mesmo jornal de Agosto Mr. Schwarz argumenta com o resultado da inundação de 1921, no Cunene, dizendo que foi muito superior aos números dados por Kanthack, o que não nos admirou nada, por ser, no fim de três ou quatro anos de seca, e êste período costuma ser invariavelmente seguido. Diz qual era o estado da questão para os interesses da A'frica do Sul.

Posta de parte a idéa grandiosa de Schwarz, fica de pé, e cada vez com mais interêsse para a Damaralândia, por a seca ser cada vez maior, de então para cá, a canalização de parte da água do rio Cunene para a

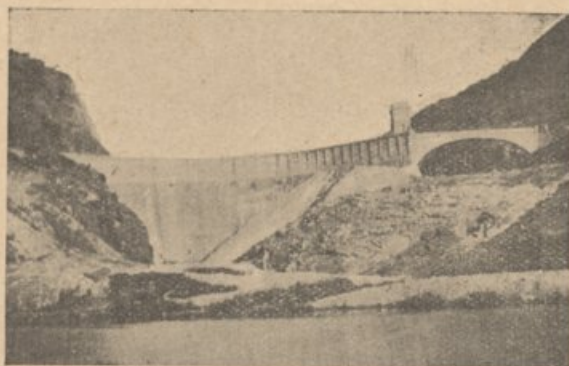


A albufeira Harta-Beast Dam, a 25 milhas de Pretória, feita para humedecer o território do vale dos Crocodilos, com 10 milhas de comprimento e duas milhas de largura máxima.

Lagôa Etocha, e terrenos vizinhos, projectando os africaners dispor da água do rio Cunene, como se sua fôsse. Isto nos levou, depois da saída da missão africaner, em 1920, a fazer o nosso estudo nessa conformidade, para nossa defesa, e em Lisboa, mais tarde, depois de 1925,

ao comêço do ante-projecto da captagem da água, e represa do rio Cunene, a canalização pela Etaca, ou rio próximo, de modo a chegar a água à Etocha; *unicamente para o Govêrno estar armado com os triunfos necessários para se poder resolver, sem detrimento para nós, esta magna questão.*

No Cabo parece que prevaleceram as idéas de Mr. Kanthack, e começaram a ser feitos os assudes e represas de Harta Beast Dam, e de Blemfontain, a primeira das quais nós visitámos em 1926. Sabe-se que



Muro de represa da mesma albufeira vendo-se o desaguadouro de superfície por debaixo do arco da ponte na margem esquerda. Alimenta duas valas de irrigação, a da direita com 75 milhas de comprimento e o da esquerda com 37 milhas.

não deram o resultado que imaginávamos, pois as irrigações fizeram aparecer, à superfície dos terrenos os sais de Brack, (clorêto de sódio, cálcio, magnésio e potássio) que tornaram improdutivo o terreno, e o açude de Blemfontain encheu-se de tal modo de lodo, que, para o despejar, gastaram mais dinheiro que o que êle custou.

Passaram anos. Em 1926 teve lugar o convénio com a África do Sul, sôbre as águas do rio Cunene, em que tomei parte, e limitação da fronteira, sendo contudo a questão das águas que mais interessava os Sud Africanders.

No ano seguinte marcharam as duas comissões, portuguesa e africaner, a encontrar-se na Olutchandja, no comêço dos rápidos do Cunene, em Julho, para a medição do caudal e escolha do local da represa do mesmo rio, e para estudar o desvio das águas para a Lagôa Etocha.

Daqui derivou o meu ante-projecto que importou em um milhão de libras, na construção e elevação de 8 metros, de um assude, acima do fundo do rio Cunene, logo a jusante da Etaca, e pouco a montante dos morros de Kálucke, sobre o lesim de rocha do Casombue que ali atravessa o rio.

A elevação que o engenheiro Spense queria dar ao assude, era de

15 metros, o que tornava em dezenas de quilómetros o Cunene, para montante, num grande lago, mas a importância dessa despesa amedrontou os nossos vizinhos, que a tinham de pagar, o que os esfriou completamente. Provei, por essa ocasião, que, dando ao canal o desvio que devia ter, por não poder seguir a molola Etaca, uns 200 metros de largura, e atendendo a ser a evaporação três vezes a chuva, *nunca chegaria água à Etocha em 200 quilómetros de percurso na estiagem*. O engenheiro Landesberg, no nivelamento que fez entre a entrada da molola Etaca e o seu reaparecimento, junto ao marco n.º 6 da fronteira, encontrou uma diferença de 3 metros, de tal forma que, sem uma regular escavação e um leito especialmente estudado, a água não podia chegar à referida lagôa, mas, seguindo Etaca, só chegaria a um lago salgado pequeno, e mais a oeste, o que não servia.

ANTIGO REGÍMEN DO RIO CUNENE

Antes de se precipitar para o mar, êste rio inundava todas as planícies do Owampo, provocando a inundaçào das partes mais baixas do Cuamato e Cuanhama, que os indígenas chamavam *Efundja* e as povoações passavam a viver nas eminências. Nesse tempo a inundaçào fazia-se principalmente por três grandes omurambas ou mololas, seguindo para a Etocha: a Ovare, a Cuamatua e a Etaca, esta última não consignada nos estudos e esboços geográficos antigos, situada a sul do Kalueke e de Naulila.

É de crêr que o Cunene chegasse a ligar com a zona de inundaçào do Cubango, pois verifica-se, pelos estudos da Missão Rohan Chabot, que o Cunene tinha sôbre o nível do Cubango, na mesma latitude, um comandamento de cêrca de 150 pés.

Era pois o Cunene que sempre alimentava a Lagôa Etocha, até ela hoje se extinguir.

O FACIES ACTUAL DA REGIÃO DO CUNENE

Primitivamente a água do Cunene era represada nas inundações pela crista da rocha que atravessava o rio, desde Naulila ao Roacanã; nesse tempo toda a inundaçào passava pelas referidas mololas, ou omurambas, mas de repente, em resultado de inundaçào maior, ou mesmo de algum cataclismo cósmico, que Schwarz considera possível, e a que já me referi, o *super flow* da inundaçào, seguiu desde Kasombue, por Iacavala, Ximbumbi ao Roacanã, e de lá ao mar. Daí em diante só nas grandes inundações, e não em todas, alguma água passava pela Etaca, para a Etocha, e as mololas do Cuanhama e Cuamato desaguavam em sentido inverso,